As letras no ensino e na pesquisa

Ataliba T. de Castilho (USP/CNPq)*

RESUMO: O presente texto foi lido como aula inaugural da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora na noite do dia 18 de maio de 2006. Apresenta-se uma relação de projetos coletivos de caráter linguístico que tomaram como objeto empírico o português brasileiro, argumentando-se que pesquisa, o ensino e a extensão representam neste começo de século atividades integradas nos bons centros universitários de Letras.

Palavras-chave: Pesquisa linguística; Gramática e ensino da língua portuguesa; Português falado; História do português brasileiro.

Introdução

É uma grande honra proferir a aula inaugural da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, à qual desde logo apresento votos de sucesso, na pessoa de seus dirigentes, seus professores e seus alunos. Agradeço à Magnífica Reitora, Profa. Dra. Margarida Salomão, e à Diretora da Faculdade de Letras, Profa. Dra. Theresinha Scher Pereira, pelo convite para compartilhar desde momento.

Esta Faculdade de Letras surge num momento muito especial do ensino superior brasileiro, momento em que se vai deixando de lado o desgastado trinômio “ensino, pesquisa e extensão”, de presença obrigatória nos objetivos dos nossos regimentos acadêmicos, substituindo-o por alguma coisa como “ensino e extensão por meio da pesquisa”, “ensino e extensão através da pesquisa”.

Este não é apenas um jogo de palavras, em que se troca uma expressão formada por três sintagmas nominais coordenados – *ensino, pesquisa e extensão* – por uma segunda expressão, em que *pesquisa* aparece encaixada no núcleo de um sintagma nominal único – *ensino e extensão por meio da pesquisa.*

Ao contrário, essa operação sintática é aqui feita para deixar claro que não há atividades de ensino e extensão sem pesquisa. Não se trata, portanto, de optar por uma coisa ou por outra. Giram completamente em falso práticas recentes em que algumas faculdades, integradas no ensino privado, declaram por seus proprietários terem por objetivo transmitir informações e “formar” professores, enquanto que outras, situadas no sistema do ensino público, se dedicariam mais à pesquisa. Na área das Letras isso é uma completa impossibilidade neste começo de século, como passo a demonstrar.

* ataliba@uol.com.br

O texto está dividido em três momentos: (1) a pesquisa linguística na área de Letras, (2) o aproveitamento das descobertas aí feitas nas situações de ensino, e (3) o Museu da Língua Portuguesa como uma nova forma de extensão de serviços ao público extra-universitário.

1. A pesquisa lingüística na área de Letras

Não farei aqui fazer um longo e fastidioso relato das pesquisas linguísticas na área de Letras, tarefa hoje a cargo dos especialistas em historiografia linguística, como é o caso, por exemplo, de ALTMAN (2003).

Restringindo-me às pesquisas sobre o português brasileiro, gostaria apenas de mencionar os projetos coletivos de investigação que vêm focalizando a descrição do português falado e a história do português brasileiro e seu impacto no ensino.

1.1 Documentação e descrição do português falado

Em 1967, Juan M. Lope Blanch, professor e pesquisador ligado ao Colegio de México, obteve junto ao Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI) a aprovação de seu "Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Linguística Culta en las principales capitales de Hispanoamérica".

O projeto previa uma virada nas pesquisas dialetológicas, que passariam a consagrar-se ao espaço urbano. Lope Blanch argumentava que uma profunda alteração vinha afetando as comunidades hispanoamericanas, rapidamente urbanizadas, gerando assim novos fenômenos linguísticos que importava documentar e descrever. Sua proposta previa extensas entrevistas com homens e mulheres de formação universitária, cuja fala seria transcrita e analisada em seus aspectos fonético, morfossintático e léxico.

Dotado de forte liderança, Lope Blanch convenceu as principais figuras da Linguística Hispanoamericana a integrarem o empreendimento, de que resultou um expressivo conjunto de estudos sobre o espanhol americano.

Era sua intenção que o Brasil se integrasse no projeto, o que se deu em 1969, tendo sido Nelson Rossi (UFBa) encarregado de propor sua adaptação às condições brasileiras. Surgiu assim o Projeto NURC, sigla pela qual esse projeto passaria a ser conhecido entre nós. Entre 1970 e 1978, os responsáveis regionais pelo projeto levantaram uma enorme documentação do português culto falado no Brasil em cinco de suas capitais: quatro do séc. XVI (Recife, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro) e uma do séc. XVIII (Porto Alegre). Foi adaptado ao português o Quia-

Questionário, que serviria de instrumento de pesquisa. Estudos parciais, dissertações de mestrado e teses de doutorado começaram a surgir por toda parte: CASTILHO (1990).

Um balanço dos trabalhos gerados pelo projeto mostra que a publicação de amostras para estudo tinham coberto uma expressiva extensão dos arquivos levantados no período acima, e hoje depositados nas universidades federais de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e nas universidades estaduais paulistas USP e Unicamp:

- São Paulo: CASTILHO-PRETI (Orgs. 1986, 1987), PRETI-URBANO (Orgs. 1990).
- Rio de Janeiro: CALLOU (Org. 1992); CALLOU-LOPES (Orgs. 1993, 1994).
- Salvador: MOTTA-ROLLENBERG (Orgs. 1994).
- Recife: SÁ-CUNHA-LIMA-OLIVEIRA (Orgs. 1996, 2005).
- Porto Alegre: HILGERT (Org. 1997).

Pesquisas desenvolvidas pelas equipes regionais foram publicadas em obras coletivas:

- CASTILHO (Org. 1989).
- PRETI-URBANO (Orgs. 1990).
- PRETI (Org. 1993, 1997, 1998, 2002).

Trabalhos individuais de variada ordem demostraram o interesse provocado pelo projeto. Numa listagem não exaustiva, lembrem-se DIAS DE MORAES (1987), GAVAZZI (1998), HOFFNAGEL (1996), MARCUSCHI (1991, 1997), MARQUES (1996), MENON (1994), ZAPPAROLI-CAMLONG (2002).

A leitura desses textos mostra uma grande concentração nos aspectos pragmáticos do português brasileiro, ficando em segundo plano a descrição gramatical propriamente dita, que estava na base da proposta de Lope Blanch e da comissão brasileira.

Para resgatar esse objetivo, propus em 1987 a organização de um novo grupo, que passaria a operar com outras perspectivas, por ele mesmo definidas. Surgiu assim o Projeto de Gramática do Português Falado (1988-2006), a mais extensa iniciativa do gênero, que reuniria cerca de 40 pesquisadores experimentados, oriundos de 12 universidades brasileiras.

O projeto organizou-se à volta de cinco grupos de pesquisa:

- Organização textual-interativa, coordenado por Ingedore Koch.
- Construções gramaticais, coordenado inicialmente por Fernando Tarallo, substituído por Mary Kato.
- Classes de palavras, coordenado por Maria Helena Moura Neves.
- Morfologia flexional e derivacional, coordenado inicialmente por Margarida Basílio, e posteriormente por Ieda Maria Alves e Ângela C. de Souza Rodrigues.

- Fonologia, coordenado inicialmente por João Moraes, e posteriormente por Maria Bernadete Marques Abaurre.

Cada grupo de trabalho traçou seu perfil teórico e fixou sua agenda de pesquisas, cujos resultados foram debatidos em seminários nacionais, em número de dez. Ao cabo de cada seminário, estava pronto um livro, publicado pela Editora da Universidade Estadual de Campinas em série própria, que atingiu 8 volumes: ABAURRE-RODRIGUES (Orgs. 2003), CASTILHO (Org. 1990, 1993), CASTILHO-BASÍLIO (Orgs. 1996), ILARI (Org. 1992), KATO (Org. 1996), KOCH (Org. 1996), NEVES (Org. 1999).

Esgotadas as agendas, deu-se início em 2000 à tarefa de consolidação dos muitos ensaios publicados na gramática propriamente dita, de que se editou neste ano o primeiro dos cinco volumes programados: JUBRAN-KOCH (Orgs. 2006). O trabalho revelou muitas características interessantes da língua portuguesa, inscrevendo-a como a primeira língua românica a ter sua modalidade falada culta amplamente descrita.

Outros projetos coletivos que elegeram a modalidade falada por seu objeto empírico foram organizados no país:

- Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro, a que sucedeu o Projeto de Estudo dos Usos da Linguagem (PEUL), com sede na Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 1982: MACEDO-RONCARATTI-MOLLICA (Orgs. 1996), MOLLICA (Org. 1996), PAIVA (Org. 1999), PAIVA-DUARTE (Orgs. 2003), RONCARATTI-ABRAÇADO (Orgs. 2003).
- Projeto Variação do Português no Sul (VARSUL), Universidades Federais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, desde 1985, concebido a partir do PEUL.
- A Linguagem Falada em Fortaleza, desde 1988: ARAGÃO-SOARES (Orgs. 1996).
- Projeto Variação do Português da Paraíba: HORA (Org. 1997), HORA-PEDROSA (Orgs. 2001).

O curioso nisto tudo é que, pela primeira vez, a Lingüística brasileira deixou de ser caudatária do que se faz no exterior, tomando a dianteira sobre centros de pesquisa bastante consolidados. A seguinte cronologia comprova-o:

(1) O "Proyecto de Estudio de la Norma Culta", concebido por Juan M. Lope Blanch, teve inicio na América Espanhola em 1967. O Projeto NURC/Brasil derivou deste, tendo início efetivo em 1970.
(2) Nos Estados Unidos, a "Conversational Analysis" teve início em 1974, sob a liderança de Sacks, Jefferson e Schegloff. Em 1993, Sandra Thompson fez derivar deste movimento a sua "Interactional Syntax".

(3) O "Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe", da França, iníciou suas atividades em 1979, tendo por figura central Claire Blanche-Benveniste.
(4) Na Itália, o primeiro trabalho deve ter sido o livro de Rossana Sornicola - *Sul Parlato*, de 1981. Seguiu-se o projeto "Lessico Italiano di Frequenza", coordenado desde 1992 por Tullio de Mauro.
(5) Desde 1985, no Brasil, “Projeto Censo Lingüístico do Sul”, VARSUL.
(6) Desde 1988, no Brasil, “Projeto Língua Falada no Ceará, UFCe.
(7) Desde 1993, no Brasil. “Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba”, UFPB.
(8) Desde 1993, em Moçambique “Projeto Panorama do Português Oral de Maputo”, Universidade Roberto Mondlane, coordenado por Maria Perpétua Gonçalves.

Em seu conjunto, esses projetos deram origem a diversas reflexões teóricas sobre a oralidade. As Introduções aos oito volumes da série *Gramática do Português Falado* trazem elementos importantes neste quadro. Tanto este quanto o Projeto NURC fundamentam os trabalhos de NASCIMENTO (1993) e CASTILHO (1984, 1994, 1998, 2003). Também pela primeira vez linguistas brasileiros passaram a teorizar sobre dados empíricos coletados e descritos em nossos meios acadêmicos. Isto impulsionou a Linguística nacional para outro patamar, que não o costumeiro espelhamento do que ocorre previamente nos Estados Unidos e na Europa. Apesar disso, também neste aspecto uma mudança de cultura terá de esperar por mais algum tempo.

1.2 História do português brasileiro

As muitas reflexões sobre a gramática do português brasileiro levadas a cabo nos últimos trinta anos provocaram muito naturalmente a curiosidade dos lingüistas brasileiros sobre a origem das propriedades ali identificadas, suas formas de transposição para o Brasil, e aos processos de mudança por que passaram.

Três grupos de pesquisadores tomaram a dianteira diante desse desafio:

- Estudos diacrônicos do português brasileiro levados a cabo na Universidade Estadual de Campinas por Fernando Tarallo e Mary Kato, a partir dos anos 80. Os principais resultados desse projeto aparecem em ROBERTS-KATO (Orgs. 1992).
- “Programa de História do Português (PROHPOR)”, organizado em 1995 na Universidade Federal da Bahia por Rosa Virgínia Mattos e Silva: MATTOS E SILVA (1992 a, 1995, 1998, 2001), CARNEIRO (2005), LOBO (2001, Org. 2001), LOBO-OLIVEIRA (2003), OLIVEIRA (2006).

- "Projeto de História do Português de São Paulo", desde 1997. Esse projeto foi concebido em 1995 e tomou âmbito nacional a partir de 1998, quando se constituíram equipes regionais em Pernambuco, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, já agora redenominado "Projeto para a História do Português Brasileiro". Produção bibliográfica: CASTILHO (Org. 1998, 2003 c), MATTOS E SILVA (Org. 2001), ALKMIM (Org. 2002), DUARTE-CALLOU (Orgs. 2002), RAMOS (Org., no prelo), LOBO (Org., no prelo).

As referências acima são altamente incompletas, mas servem para demonstrar a força das pesquisas diacrônicas em nosso país. É muito provável que novas práticas de ensino venham a inspirar-se em seus achados, mas ainda é cedo para prever isso.

2. Aproveitamento das pesquisas sobre a oralidade nas situações de ensino

A pesquisa acadêmica levada a efeito pela universidade brasileira sobre a oralidade encerra um conjunto de propostas que poderiam perfeitamente transitar para a sala de aula: TRAVAGLIA (1996), RAMOS (1997) e CASTILHO (1998).

Estamos diante, antes de mais nada, de uma mudança de atitude em nossa prática escolar. A chegada da internet e a abundância de informação que nela circula, libertaram nossas escolas de sua velha missão de transmissoras da informação, de detentoras únicas do conhecimento, de depositárias do saber. Uma nova missão agora se descortina, e nossas escolas tenderão ao processamento da informação, ao seu julgamento crítico e equilibrado, e, sobretudo, à sua transformação em lugares de criação do conhecimento.

Nossos alunos serão nossos parceiros nos caminhos da descoberta científica. Um novo ritmo se desenvolverá nas salas de aula, em que perguntas serão formuladas, respostas serão buscadas nos dados da língua, seus resultados serão redigidos, compartilhados, discutidos. Novas perguntas serão trazidas pelas respostas, e o interminável fazer científico poderá integrar-se como tarefa do dia-a-dia em nossos ambientes de trabalho.

E, antes que meus queridos amigos achem que transformei esta aula num discurso de paraninfo, permitam que lhes dê meu próprio testemunho sobre como isso pode ser. Apresentarei uma proposta sobre a reflexão gramatical em sala de aula.

A proposta que trago à sua consideração procura encaminhar as seguintes questões, que atropelam os professores de português neste começo de século: (1) as crises do ensino, (2) as novas teorias sobre a linguagem, (3) o lugar da gramática nessas conjunturas todas.

(1) Creio que nós outros, professores de Português, enfrentamos atualmente três crises distintas: a crise social, a crise científica e a crise do magistério.

A crise social diz respeito às mudanças da sociedade brasileira, sobretudo no que toca ao seu rápido processo de urbanização e seus reflexos no ensino formal. Nesta conjuntura, a escola precisa assegurar uma acolhida favorável ao aluno não urbano, proveniente de outras regiões do país, presentemente acossado pela nova vida que passará a viver.

A crise científica está em que os cursos de Letras parecem ter congelado suas preocupações no entendimento da língua como uma estrutura abstrata, como um *enunciado* de que não se revelam as condições de produção. Pouco se fala da Pragmática, que tem examinado temas tais como os atos de fala, a competência comunicativa conversacional, as pressuposições e as inferências que cercam um ato de fala, a linguagem como ação e como argumentação, em suma, a língua como *enunciação*. Nos embates entre uma Lingüística do Enunciado e uma Lingüística da Enunciação reside, justamente, a segunda crise do ensino. E é que os professores em exercício precisarão capacitar-se dos novos temas, visto que eles permitem encarar mais adequadamente os problemas lingüísticos suscitados por uma sociedade em mudança. Proponho que em sala de aula professor e alunos comecem por uma observação mais intuitiva da língua como enunciação, para em seguida desembocar numa observação mais "técnica" da língua como um enunciado, enriquecendo-se assim a percepção do fenômeno lingüístico.

A crise do magistério está à vista de todos e reclama uma intervenção urgente por parte das autoridades da república: desvalorização da profissão, enorme queda dos salários, perda da motivação. Não é preciso enfatizar o risco que está correndo o projeto de nos transformar numa grande nação.

Muitos atores estão envolvidos na busca de saídas para esta crise. O papel das universidades será aprimorar a formação dos novos professores e lutar por sua valorização. O papel daqueles que já se encontram em exercício será o desenvolvimento de sua competência profissional. Sem competência não saberemos nem enfrentar nossa crise, quanto mais preparar cidadãos para a república.

(2) As novas teorias sobre a língua trouxeram a percepção de que a gramática e seu ensino não podem restringir-se à mera reprodução de esquemas classificatórios. Pesquisas acadêmicas recentes mostram que também a gramática é o lugar do debate, da descoberta, levada a efeito por meio de um conjunto de projetinhos que o professor desenvolverá em sala de aula com seus alunos. Esses projetos poderiam tomar a língua falada como ponto de partida, e a língua escrita como ponto de chegada. Eles começariam pela identificação dos <u>processos</u> constitutivos da conversação, do texto e da sentença, deslocando para o segundo lugar a análise dos <u>produtos</u> que daí resultam. Seguir este ritmo é retomar a própria história da reflexão gramatical do Ocidente. Como se sabe, a gramática não tinha autonomia no mundo grecolatino, em que se desenvolveu como um modo de entender os textos. Essa autonomia lhe foi concedida quando a gramática se escolarizou, no pior dos sentidos. Vem disto o grande empobrecimento da reflexão gramatical, sobretudo após a Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira, que fez da gramática um

exercício classificatório, sem que sejam previamente discutidos os processos cujos resultados estão sendo classificados.

(3) Para bem dosar as coisas, imagino que um modo de aproximar-se da gramática é das bordas para o centro, assim como quem toma um prato de sopa quente. Faremos inicialmente algumas observações sobre a conversação, depois sobre a estrutura do "texto falado", e finalmente sobre a sentença. Vamos refazer a história dessa disciplina, começando pela enunciação conversacional até atingirmos o enunciado sentencial, indo da língua falada para a língua escrita. Um bom ritmo para alcançar esse objetivo será documentar juntamente com os alunos os seguintes tipos de texto: (i) conversação simétrica / diálogos em peças de teatro; (ii) conversação assimétrica / cartas, crônicas e noticiário de jornais e revistas; (iii) aulas e conferências / narrativas e descrições contidas em romances e contos.

Minha proposta tem, portanto, um caráter modular, animada pelos seguintes vetores, que aqui resumo: (1) Vetor teórico: da língua como atividade social (e, portanto, de um modelo funcional de gramática) para a língua como uma estrutura (donde um modelo estrutural de gramática), e finalmente para a língua como uma atividade mental (com a apropriação das descobertas da gramática cognitiva, cujas observações transcendem o Português, buscando comparações com outras línguas). É importante destacar o pioneirismo da Universidade Federal de Juiz de Fora na discussão de temas de corte cognitivista. (2) Vetor metodológico: da Análise da Conversação para a Lingüística do Texto e desta para a Gramática; da LF para a LE, passando por uma caracterização comparativa dessas modalidades, mediante a recolha de recortes variados da língua, de forma a abranger variedades regionais não escolarizadas, documentos da norma culta, variedades de registros, emparelhando-os conforme sugerido acima. (3) Vetor pedagógico: das aulas de veiculação de "pacotes prontos", para as aulas como uma oportunidade para o desenvolvimento da reflexão e da descoberta, alimentadas por projetinhos de pesquisa a partir de dados previamente selecionados, em que a reflexão vem primeiro e a classificação vem depois. Esta é, sobretudo, uma proposta formulada em termos necessariamente experimentais, que precisará ser testada em classe, após uma preparação prévia dos professores interessados.

Para pôr em prática esta proposta, os seguintes passos seriam dados pelo professor e seus alunos, buscando integrar a pesquisa nas tarefas do ensino: o estudo da conversação, o estudo do texto falado, e o estudo da sentença.

2.1 Análise da Conversação

Parece incrível, mas o uso mais banal da língua, que é a conversa, não penetrou até hoje em nossas práticas escolares. Todo mundo raciocina que "conversar a gente já sabe", desperdiçando uma bela oportunidade para problematizar esse conhecimento.

Para esse fim, três passos precisarão ser dados: gravação de conversações, transcrição e análise.

É importante reter que em matéria de língua falada a transcrição constitui o objeto de estudos. Haverá, portanto, tantas transcrições quantas perguntas forem formuladas aos dados. Poderemos começar por uma pergunta aparentemente banal: o que acontece quando conversamos

Para achar as respostas, percorreremos os seguintes caminhos:

1. Gravação de conversas de alunos, em sala de aula.
2. Transcrição da conversação, negociando-se com os alunos as anotações a adotar, de forma a transpor para o papel as características mais notáveis da língua falada: CASTILHO (1998, p. 31-33).
3. Escolha da unidade de análise, que poderá ser o turno conversacional, e observação sobre as estratégias de manutenção, passagem e ataque ao turno.
4. Observação do sistema pragmático de correções na conversação: de que modo nos autocorrigimos, de que modos corrigimos a fala do outro, objetivando sempre manter a conversa em andamento.
5. Estudo dos marcadores conversacionais, entendidos como um conjunto de sinais pré-lexicais e lexicais, por meio de que organizamos o texto que está sendo produzido e monitoramos o intercâmbio verbal.

Enquanto conversamos, estamos produzindo um texto, que poderá então ser estudado.

2.2 Análise do Texto

A análise do texto deve tomar em conta as seguintes questões:

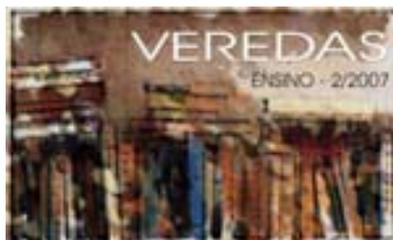
1. Aprimorando de novo o senso de observação dos alunos, proporemos nesta fase um processo de transcrição que faça ressaltar os tópicos com que se tece um texto: CASTILHO (1998, p.60-61). A língua escrita dispõe do parágrafo, com sua sinalização gráfica. A língua falada dispõe das unidades discursivas, com sua sinalização prosódica.
2. A unidade discursiva será o ponto de observação dos textos. Com base numa hipótese interpretativa, identificaremos os segmentos de que é feito o texto, separando as sentenças tematicamente centradas, e verificando se algumas marcas formais acompanham a unidade que resulta daí.
3. O conjunto de unidades revelará a hierarquia tópica constituída pelos alunos. De que falaram eles? Como passaram de um assunto para outro?
4. Inspecionando as margens das unidades discursivas, poderemos agora repertoriar os marcadores que aí aparecem, e que funcionam como conectivos textuais, anotados à esquerda

na transcrição, ou como monitoradores da interação, anotados à sua direita. Nesta altura, ressaltaremos que as mesmas classes que marcam uma conversação têm neste domínio de observações um outro papel: o de cimentar as unidades textuais. Este é um momento importante na reflexão, pois os alunos perceberão que uma mesma expressão exerce mais de um papel na linguagem. A polifuncionalidade natural das classes de palavras mostrará aos alunos que é impossível dar uma única resposta a uma pergunta sobre dados de língua, se essa pergunta não for devidamente contextualizada.

5. Recapitulando os achados, poderemos agora identificar com os alunos os processos constitutivos dos textos falados: a repetição, a paráfrase, a digressão, os parênteses. Chegou a hora de verificar se esses mesmos processos ocorrem na língua escrita.

2.3 Análise da sentença

Identificados os processos de que nos servimos para a construção de nossos textos, chegou a hora de diminuir a abrangência da lente, focalizando a sentença, que será objeto de outro processo de transcrição.

1. No estudo do texto, notou-se que as sentenças têm um papel em sua construção. Cada uma delas veicula um juízo que "tem um fim em si" nessa construção. Essa observação aparece entre os primeiros gramáticos. Apolônio Díscolo dizia no segundo século depois de Cristo que a sentença é um "lógos autotelês". Ele destacava a dimensão textual da sentença, numa passagem que seria mal interpretada pelos gramáticos de nossos tempos, os quais entenderam que Díscolo entendia a sentença como um "conjunto de palavras com sentido completo". Entenderam mal o adjetivo *autotelês*, que não remete ao incompreensível "sentido completo", e sim à dimensão textual das sentenças, à finalidade que cada uma aí desempenha.
2. De novo, para que se visualize bem a sentença, precisaremos de uma transcrição adequada. Em meu livro *A Língua Falada no Ensino do Português*, colho a lição de Claire Blanche-Benveniste, e transcrevo as sentenças numa forma biaxial, anotando-as em suas seqüências sintagmáticas e em suas repetições paradigmáticas: CASTILHO (1998, p. 88-89).
3. Sendo o verbo a classe que organiza a sentença, proporemos agora novos projetinhos, começando pelo debate de seu estatuto categorial, observando sua estrutura morfológica e as explorações sintáticas que são feitas dessa estrutura. Repetiremos a dose com as demais classes de palavra.
4. O verbo apontará para os arranjos particulares das sentenças. Estamos fazendo perguntas sobre a estrutura argumental da sentença, sobre o preenchimento ou não-prenchimento das funções que o verbo atribui às palavras, sobre o papel da repetição na organização da sentença.

5. O próximo passo será examinar os padrões de concatenação das sentenças. Alguns marcadores conversacionais e conectivos textuais mostrarão agora sua outra cara, a de juntores de segmentos sintáticos.

Como se vê, a análise da sentença deveria ser um ponto de chegada, não um ponto de partida em nossa prática pedagógica. Bom, mas como tudo isto pode funcionar em sala de aula?

É claro que antes de tudo o professor precisará preparar-se para mudar as regras em sala de aula. Se ele topar aprender antes de ensinar, poderá descobrir um conjunto de regularidades em qualquer um dos domínios aqui mencionados.

Uma primeira observação que decerto fará é a de que a língua falada é uma modalidade privilegiada para a inspeção dos processos e dos produtos da língua. Ela não esconde o que a língua escrita esconde. Só mesmo lidando com estas coisas para perceber isto.

Em sua essência, a proposta insiste em que se podem fazer outros estudos em sala de aula que não apenas os da gramática da sentença, enquadrando-a numa análise linguística mais ampla. Estou convicto de que a proposta (i) valoriza o educando, tomando sua própria linguagem como ponto de partida para as reflexões, e chamando-o a pensar, (ii) muda a relação professor-aluno, transformando as aulas em momentos de descoberta científica, através dos projetinhos (iii) coloca o texto como um ponto de partida, de que a sentença será o ponto de chegada, e (iv) liqüida de uma vez por todas a mania de reduzir as aulas de gramática a uma questão de certo / errado, e à chatice inerente a essa atividade.

Finalmente, parece que os processos lingüísticos estão conectados a princípios gerais, cujas pistas são identificáveis na conversação, no texto e na sentença. No momento da interação verbal, dos textos que daí surgem, e das sentenças que os compõem, agimos por impulsos de ir adiante, de voltar atrás, ou de abandonar uma estratégia que se vinha construindo. O seguinte quadro-resumo reúne e articula num plano integrado os processos e os produtos com os quais é possível lidar em sala de aula.

PLANO INTEGRADO PARA O ESTUDO DA LÍNGUA FALADA

PROCESSOS	**PRODUTOS**		
	CONVERSAÇÃO	TEXTO	SENTENÇA
<u>Princípio de projeção</u>: ativação de propriedades	Turnos e marcadores conversacionais	Unidades discursivas e seus nexos	Itens lexicais, sintagmas, argumentos, adjuntos, concatenação de sentenças
<u>Princípio de correção</u>:	Auto e hétero-correção	Repetição e paráfrase	Repetição de constituintes

reativação de propriedades			com atribuição de novas funções sentenciais
Princípio do silêncio: desativação de propriedades	“Despreferência” conversacional	Digressões e parênteses	Anacolutos, elipses, rupturas na ordem de adjacência

Na conversação, o tempo todo um ser humano busca interagir com o outro, chamando-o para a arena verbal, informando-o sobre conteúdos, expondo seus sentimentos e suas emoções, buscando compartilhar sua experiência de vida, para compará-la com a do outro, avançando nesse interesse, tornando atrás, abandonando estratégias, desenvolvendo na plenitude sua humanidade, localizada no dom da língua.

Enquanto fala, ele faz revelações sobre como está processando seu texto, cujas palavras às vezes esclarece, e cujas estratégias com freqüência negocia, numa busca incessante de comunhão.

E o que é uma aula, senão uma busca? Uma busca do conhecimento, em que o professor é um aprendiz mais experimentado. Por que, então, uma busca tão densa de intercâmbio, não pode ser uma atividade prazerosa, que nos encha de inspiração a todos nós, alunos e professores?

A língua falada aí está, plena de lições para serem examinadas pelos espíritos efetivamente movidos pela curiosidade. Procurei mostrar aqui que a mente humana cria por meio de escassos três processos uma riqueza espantosa de expressões lingüísticas, tão distintas em sua aparência, tão regulares em seus fundamentos.

Uma nova ética do trabalho surgirá em nossas salas. Poderemos ultrapassar a fase da “aula-pacoteira”, em que respostas são dadas a perguntas que não foram formuladas, em que a emoção da descoberta é soterrada pelo tédio das duras rotinas, em que todo mundo continuará com a sensação do tempo perdido, do aprendizado nenhum, da monotonia sem fim. Que desperdício de oportunidades!

3. O Museu da Lingua Portuguesa: novos caminhos para a extensão universitária

Para encerrar esta aula, gostaria de informar que um novo processo de extensão do ensino da língua portuguesa tornou-se accessível ao público extra-universitário, com a inauguração do Museu da Língua Portuguesa, sediado na Estação da Luz, em São Paulo.

Trata-se de uma iniciativa da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, executada pela Fundação Roberto Marinho, e que consiste numa parte localizada, o museu propriamente dito, e numa parte extraterritorializada, que é o portal www.museudalinguaportuguesa.org.

A parte localizada apresenta os mais diversos usos da língua e sua história, por meio de recursos mediáticos.

O portal foi concebido sob medida para que interessados em desenvolver reflexões sobre a língua portuguesa ali encontrem os dados para sua investigação, além de textos provocativos que os ajudarão a desenvolvê-la, redigindo estudos sobre seus achados. Proximamente, será organizada uma espécie de "blog linguístico", em que os consulentes poderão expor seus resultados a debatedores virtuais.

Se tudo correr como previsto, nossos cursos de Letras terão nesse portal um endereço para disponibilizar seus materiais de pesquisa e seus trabalhos em andamento. Sobretudo, os cidadãos poderão capacitar-se dos frutos da investigação científica sobre o português brasileiro, que têm neles seu principal objetivo e sua razão de existir.

ABSTRACT: This is the inaugural lesson of the Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora read on May 18, 2006. Several collective projects of research applied to the Brazilian Portuguese are mentioned. Main interest is to show that teaching is not possible without research and that students must be involved in projects of research in order to better understand the language functioning.

Keywords: Linguistic research; Grammar and teaching of Brazilian Portuguese; Spoken language; Research on the history of Brazilian Portuguese.

Referências

ABAURRE, M. B. M. e RODRIGUES, Â. C. S. (Orgs). *Gramática do Português Falado*, vol. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

ALKMIM, Tânia (Org). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. III, Novos Estudos. São Paulo: Humanitas / Unicamp – USP, 2002.

ALTMAN, Cristina. *A Pesquisa Linguística no Brasil (1968-1988).* São Paulo: Humanitas, 2003.

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de / SOARES, Maria Elias (Orgs). *A Linguagem Falada em Fortaleza*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996.

CALLOU, D. I. (Org). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro*. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/FJB, vol. I, Elocuções Formais, 1992.

__________. *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro*. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, vol. II, Diálogo entre Informante e Documentador, 1993.

__________. *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro.*Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, vol. III, Diálogos entre dois informantes, 1994.

CASTILHO, A.T. de. El Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Culta. Formalismo y semanticismo en la sintaxis verbal, em Donald F. Solá Ed. *Language in the Americas*. Proceedings of the Ninth PILEI Symposium. Ithaca: Cornell University, 1984. p. 161-165.

CASTILHO, Ataliba T. de. O Português culto falado no Brasil: história do Projeto NURC. Em: Dino Preti e Hudinilson Urbano (Eds.) - *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. IV, Estudos. São Paulo: TAQ/Fapesp, 1990 a. p. 141-202.
CASTILHO, A. T. e Preti, D. (Orgs). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. I, Elocuções Formais, 1986.
__________. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo.* Materais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. II, Diálogos entre dois informantes, 1987.
CASTILHO, A. T. *Português Culto Falado no Brasil.* Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
__________. O Português Culto Falado no Brasil. História do Projeto NURC/SP, em D. Preti e H. Urbano (Orgs), 1990. p. 141-202.
CASTILHO, A. T. de (Org. 1990). *Gramática do Português Falado*, vol. I, A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2a. ed., 1991, 3a. ed., 1997.
CASTILHO, A. T. de (Org). *Gramática do Português Falado*, vol. III, As Abordagens. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1993.
CASTILHO, A. T. de. Problemas de descrição da língua falada. *D.E.L.T.A.* 10 (1), 1994. p. 47-71.
CASTILHO, A. T. de e BASÍLIO, M . (Orgs). *Gramática do Português Falado*, vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996.
CASTILHO, A. T. de (1998). *A Língua Falada no Ensino do Português*. São Paulo: Contexto; 6a. ed., 2004.
CASTILHO, Ataliba T. de (1998). Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. Em: Mario Bernales y Constantino Contreras (Orgs.1998). *Por los Caminos del Lenguaje.* Temuco, Ediciones Universidad de la Frontera, pp. 23-37 [XII Congreso de la Sociedad Chilena de Lingüística].
CASTILHO, Ataliba T. (Org). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. I, Primeiras Idéias. São Paulo: Humanitas / Fapesp, 1998.
CASTILHO, Ataliba T. de. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. Em Jânia Ramos e Mônica Alkmim (Orgs. no prelo) *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VI, 2003
DIAS DE MORAES, L. C. *Nexos de Coordenação na Fala Urbana Culta de São Paulo*. São Paulo: USP, Tese de Doutoramento, 1987.
DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia / CALLOU, Dinah M. Isensee (Orgs). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. IV, Notícias de *corpora* e outros estudos. Rio de Janeiro: UFRJ – Letras / Faperj, 2002.
GAVAZZI, S. C. *Fechamentos em Entrevistas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1998.
HILGERT, J. G. (Org). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Porto Alegre*. Passo Fundo: Ediupf / Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs, vol. I, Diálogos entre informante e documentador, 1997.

HOFFNAGEL, J.C. *A modalização epistêmica: usos e funções na fala e na escrita*. Recife, UFPe, inédito, 1996.
HORA, Demerval da (Org) *Diversidade Lingüística no Brasil.* João Pessoa: Idéia, 1997.
HORA, Demerval da / PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Orgs). *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Idéia, 7 volumes de materiais de estudo, 2001.
ILARI, R. (Org). *Gramática do Português Falado,* vol. II, Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi / KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, vol. 1, Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
KATO, M. (Org). *Gramática do Português Falado*, vol. V, Convergências. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996.
KOCH, I.G.V. (Org). *Gramática do Português Falado,* vol. VI. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996.
LOBO, Tânia C. F. *Para uma Sociolingüística Histórica do Português no Brasil. Edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutoramento, 4 vols, 2001.
LOBO, Tânia C. F. *Cartas Baianas Setecentistas.* Textos sob os cuidados de Permínio Souza Ferreira (coord.), Klebson Oliveira e Oliveira, Uilton Santos Gonçalves. São Paulo: Humanitas [Coleção Diachronica, vol. 3], 2001.
LOBO, Tânia C. F. / OLIVEIRA, Klebson. A História social linguística do Brasil no âmbito do "Projeto para a História do Português Brasileiro", em A. T. Castilho (Org. 2003 b), cap. VII, 2003.
LOBO, Tânia (Org., no prelo). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VI.
MACEDO, Alzira T. de / RONCARATTI, Cláudia / MOLLICA, Maria Cecília (Orgs). *Variação e Discurso.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
MARCUSCHI, L. A. Análise da Conversação e Análise Gramatical, *Boletim da ABRALIN* 10, 1991. p. 11-34.
MARCUSCHI, L.D. *Fala e Escrita no Continuum Tipológico*. Recife: UFPe, inédito, 1997.
MARQUES, M. H. D. (1996). *O Vocabulário da Fala Carioca.* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1996, Vol. I - Ordem de Freqüência Decrescente; Vol. II - Ordem Alfabética, Parte I (A-H); Vol. II - Ordem Alfabética, Parte II (I-Z); Vol. III - Substantivos. Ordem de Freqüência Decrescente; Vol. IV - Verbos, Adjetivos, Unidades em -mente, Nomes próprios, Marcas e Siglas. Ordem de freqüência decrescente; Vol. V - Substantivos. Ordem alfabética; Vol. VI - Verbos, Adjetivos, Unidades em -mente, Nomes próprios, Marcas e Siglas. Ordem Alfabética; Vol. VII - Instrumentos Gramaticais; Vol. VIII - Introdução: histórico, dados quantitativos e avaliação geral dos resultados.

MATTOS E SILVA, R. V. *Programa para a história da língua portuguesa - PROHPOR*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1992a. 24 p.

MATTOS E SILVA, R. V. (Org). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. II, Primeiros Estudos, 2 tomos. São Paulo: Humanitas / Fapesp, 2001.

MATTOS E SILVA. R.V. De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. Em: R. V. Mattos e Silva (Org. 2001: p.275-301).

__________. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões parauma pauta de pesquisa. Em: ALKMIN, T. M. (Org.) *Para a história do Português Brasileiro. Vol. III*: *Novos Estudos.* São Paulo, Humanitas/UNICAMP, 2002. p.443-464.

MOLLICA, Maria Cecília (Org). *Introdução à Sociolingüística Variacionista.* Rio de Janeiro: UFRJ, série Cadernos, 1996.

MOTTA, J. e ROLLEMBERG, V. (Orgs). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de Salvador*. Materiais para seu estudo. Salvador: Instituto de Letras da UFBa, vol. I, Diálogos entre Informante e Documentador, 1994.

MENON, O.P.S. *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du Sujet dans le Portugais parlé au Brèsil a partir des donnés du NURC/SP*. Paris: Université de Paris VII, thèse de doctorat, 1994.

NASCIMENTO, Mílton. *Gramática do Português Falado: articulação teórica*. Conferência apresentada ao Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, inédito, 1993.

NEVES, M.H.M. (Org). *Gramática do Português Falado*, vol. VII. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição de (Org). *Amostras do Português Falado no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Letras da UFRJ / CAPES, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição de /DUARTE, Maria Eugênia Lamogli\a (Orgs). *Mudança lingüística em Tempo Real.* Rio de Janeiro: Contracapa / Faperj, 2003.

PRETI, D. e URBANO, H. (Orgs. 1990). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. III, Diálogos entre o Informante e o Documentador, 1990.

__________. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. IV, Estudos, 1990.

PRETI, D. (Org. 1993). *Análise de Textos Orais*. São Paulo: FFLCH/USP; 2a. ed., 1995.

__________. *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.

__________. *Estudos de Língua Falada. Variações e confrontos.* São Paulo: Humanitas, 1998.

__________. *Interação na fala e na escrita.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

RAMOS, Jânia (1997). *O Espaço da Oralidade na Sala de Aula.* São Paulo: Martins Fontes.

RAMOS, Jânia (Org., no prelo). *Para a História do Português Brasileiro,* vol. V.

ROBERTS, I. e KATO, M. (Orgs). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica***.** Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

RONCARATTI, Cláudia / ABRAÇADO, Jussara (Orgs). *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história.* Rio de Janeiro: Letras, 2003.

SÁ, M.P. M. - CUNHA, D.A.C. da - LIMA, A. M. e OLIVEIRA JR., M. (Orgs). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, vol. I: Diálogos entre informante e documentador, 1996.

SÁ, M.P. M. - - LIMA, A. M. CUNHA, D.A.C. da e OLIVEIRA JR., M. (Orgs). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, vol. 2: Elocuções formais, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

ZAPPAROLI, Zilda Maria / CAMLONG, André. *Do Léxico ao Discurso pela Informática.* São Paulo: Edusp/Fapesp, 2002.